

AUGUSTO LA FERE

CAFÉ FRIO



ARS VERBI

CAFÉ FRIO

AUGUSTO LA FERE

CAFÉ FRIO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

Créditos

Café Frio

©2026 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi™*

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988752-4-4

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional. É permitido compartilhar e adaptar — incluindo traduções e derivações — desde que:

- seja atribuída a autoria;
- não haja uso comercial;
- qualquer obra derivada seja publicada sob a mesma licença.

Mais detalhes em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

<https://arsverbi.com.br>

Dedicatória

A quem sabe que a perda de temperatura também é uma forma de dizer quem somos quando o tempo nos toca.

“O tempo é o único conselheiro
verdadeiramente sábio.”

— *Simone Weil*

Prólogo

O café está frio. E, ao tocar a xícara, percebo que não é só o café. Há um resíduo de mim ali. Não sei em que parte da manhã o deixei. Talvez tenha sido no instante em que desviei os olhos para outra coisa, alguma urgência pequena demais para ser lembrada e grande o suficiente para sequestrar o gesto. A xícara permaneceu como testemunha: não se moveu, não pediu nada. Apenas deixou que o tempo se deitasse sobre ela.

Há algo de cruel na frieza. Não pela temperatura, mas pelo que ela anuncia: aquilo que continua acontecendo mesmo quando minha atenção falha. O café não se defende. Permite que o calor abandone seu corpo, e essa entrega instala uma ferida que não dói, mas abre.

A superfície escura já não devolve meu reflexo; devolve uma espécie de sombra que reconheço sem admitir. Há dias em que a vida é isso: um objeto qualquer que me devolve o que perdi sem querer perder.

Seguro a xícara. Não bebo. Não devolvo o gesto.

Apenas sinto a frieza infiltrar-se pela mão, como se me dissesse que o mundo segue, e que eu sigo mais devagar do que penso. O café está frio, e a xícara, silenciosa, conhece mais do meu tempo do que eu próprio. Talvez seja assim que tudo começa: quando o que esfria fora de mim revela o que esfria dentro.

[A EROSÃO]

1.

O café endurece na xícara.
A pele da água já é vidro.
Nenhum fio de fumaça sobe.
O cheiro ficou para trás.

A asa aponta para lugar nenhum.
Minha mão não se reconhece nela.
O pires guarda um anel escuro,
lua caída de um outro calor.

Sobre a mesa, nada se move.
Só a luz insiste nas bordas.
Entre a primeira intenção
e este instante que não decido,

algo passou sem testemunha.
O café sabe. A xícara sabe.
Eu apenas chego depois,
como se viesse de outro dia.

2.

Quando foi que o café esfriou?
Não havia relógio na mesa.
O tempo passou em outro lugar,
talvez no fundo de um bolso,

numa gaveta meio aberta,
no corredor que não atravessai.
Aqui, só a xícara esperava,
sem saber se esperava por mim.

O frio não anuncia chegada.
Ele ocupa, devagar, a superfície,
caminha pela porcelana branca,
desce pelo anel deixado no pires.

Só agora vejo o trajeto:
é o mapa do que não acompanhei.
No centro, o líquido escuro
me devolve um rosto em atraso.

3.

A xícara é um pequeno outono
no meio da mesa arrumada.
As migalhas formam suas folhas,
o pires guarda a terra abatida.

A colher repousa ao lado,
fria também, mas sem história.
Quem carrega o peso é o líquido,
esse corpo que já desistiu do céu.

A mão paira e não desce.
Entre pele e porcelana
há um acordo silencioso:
ninguém corrige o que passou.

O café, imóvel, aceita tudo.
Aceita inclusive meu atraso.
É talvez o único justo aqui,
por não fingir que ainda é manhã.

4.

No pires, o anel de café seco
marca um eclipse particular.
É um rastro de sol apagado,
um não-acontecimento completo.

Se eu mover a xícara, a marca fica.
Se eu lavá-la, some sem aviso.
Talvez seja esse o destino
de quase tudo o que deixo cair.

O anel fala de um calor antigo,
de uma borda que já foi brasa.
Agora é ferrugem líquida,
cicatriz de um gesto falhado.

Não sei se limpo ou preservo.
Entre o pano e o esquecimento,
há uma vontade de arquivo:
guardar o que nunca chegou a ser.

5.

Há umidade no ar da cozinha,
mas o café não participa dela.
Ele se fecha no próprio frio,
como quem recusa conversa.

A cadeira diante de mim espera.
Ninguém se senta nela hoje.
Ainda assim, puxo um pouco a madeira,
como se um corpo pudesse surgir.

Talvez eu não seja o único ausente.
Talvez falte alguém que não recorde,
alguém que um dia tomou o primeiro gole
antes que o mundo aprendesse a esfriar.

A xícara sustenta esse vazio.
O café, em silêncio, confirma.
Na superfície escura, nenhuma imagem:
só a insistência de um lugar vago.

6.

O pano de mesa tem manchas antigas,
ilhas que o tempo deixou encalhadas.
O café frio se junta a esse arquipélago,
mais uma costa sem navegação.

Cada nó do tecido sabe de algo:
de uma queda, de um prato descuidado,
de um copo que transbordou de pressa.
O café, ao contrário, transbordou de tarde.

Não houve atropelo, nem urgência.
Houve apenas distração prolongada,
um olhar que se perdeu na janela
e não voltou para recolher o resto.

Agora, o líquido mede o esquecimento,
marca uma fronteira entre antes e depois.
Sobre o tecido, o mapa se completa:
é sempre o mesmo erro desenhado de novo.

7.

O relógio na parede continua certo.
Os ponteiros não sabem de mim.
Caminham sobre um campo fechado,
cegos para a mesa, surdos para o frio.

O café obedece a outro tempo,
sem números, sem repetições.
Seu corpo apenas cede calor
até não ter mais o que ceder.

Entre o tic-tac e a frieza,
escolho ouvir o que não faz som.
O café não anuncia passagem;
ele se limita a deixar de ser quente.

Talvez eu esteja mais perto dele
do que desse cálculo da parede.
Também vou cedendo em silêncio,
até que um dia não sobre vapor.

8.

A borda da xícara encosta na luz,
recebe um halo quase invisível.
O café, porém, continua escuro,
um poço que nega reflexo.

A claridade tenta um acordo,
ronda o círculo branco, persiste.
Mas não atravessa o líquido denso,
que já escolheu sua própria noite.

Minha mão entra nesse teatro,
projeta uma sombra sobre tudo.
Por um instante, luz e sombra
disputam a porcelana vazia de calor.

Nenhuma das duas vence de fato.
Quem decide a cena é o frio:
ele torna iguais todas as coisas,
desde que tenham tempo suficiente.

9.

A colher toca o fundo, devagar,
como se procurasse um resto de sol.
Só encontra densidade quieta,
um sedimento de horas caladas.

O leve tilintar na porcelana
é o último som desta manhã.
Depois dele, o silêncio se fecha,
tal qual tampa que nunca existiu.

Eu poderia mexer o café,
fingir que o movimento aquece algo.
Mas o metal apenas corta o escuro,
desenha círculos que não avançam.

A cada volta, a mesma notícia:
não há retorno possível ao início.
A colher sabe, a xícara sabe,
e o café suporta sem protestar.

10.

Apago a luz e acendo de novo.
O café não muda de estado.
Nem brilha, nem se retrai,
apenas insiste em ser o que é.

A mesa recebe sombras diferentes,
mas a xícara guarda o mesmo centro.
É como se o mundo inteiro girasse
em torno de um pequeno núcleo frio.

Talvez seja essa a verdade simples:
as coisas não precisam de mim
para cumprir o trabalho do tempo.
Eu chego sempre depois da lição.

Ainda assim, permaneço sentado,
olhando o que já foi decidido.
Se há história aqui, não se conta em voz alta:
ela se escreve na temperatura que falta.

11.

A cadeira vazia à frente pesa.
Carrega um contorno esquecido,
algo que não chegou a sentar,
mas deixou sombra sobre o assento.

É como se uma presença antiga
encostasse o ombro na madeira,
esperando o primeiro gole quente
que nunca cheguei a oferecer.

O café, testemunha imparcial,
registra o abandono na superfície.
Nenhum calor responde à espera,
nenhum sopro altera o escuro.

A cadeira e a xícara conversam
num idioma que não entendo:
o de quem sabe permanecer
sem pedir retorno ou voz.

12.

A marca no pires se aprofunda
como se o tempo insistisse nela.
É fronteira, é falha, é cicatriz
de um minuto que se prolongou.

Toco a borda do anel escuro:
há textura de coisa guardada,
um arquivo que não catalogo
porque não tenho vocabulário.

Se eu levasse a xícara à boca,
levaria também esse arquivo,
essa memória sem documento,
essa sombra que não narrei.

Mas não movo nada.
Deixo que o pires decida
como quer lembrar-me hoje:
pela ausência ou pela marca.

13.

A cozinha inteira respira leve,
como se aguardasse a manhã certa.
Mas o café interrompe a cena,
mancha o tempo com sua frieza.

Há um desalinho no ar quieto,
um aviso que não chega a falar.
Talvez seja apenas a certeza
de que o gesto perdeu o caminho.

Encosto o dedo na xícara.
O frio carrega uma história curta,
um breve relato de abandono
que nenhum outro objeto assume.

Fico ali, entre luz e demora,
assistindo ao que não regresso.
A manhã aceita minha falha
sem qualquer necessidade de cura.

14.

A sombra da xícara se alonga
no canto mais claro da mesa.
É uma figura que não me segue,
mas guarda meu atraso na pele.

O café repousa além do corpo,
um lago que perdeu maré.
Nenhum vento o visita agora,
nenhum calor o devolve ao dia.

A sombra e o líquido dialogam:
uma cresce; o outro afunda.
Ambas me olham sem julgamento,
mas não me oferecem saída.

Se há verdade nesta manhã,
ela está nesse alongamento:
na forma como o frio ocupa
o espaço que deixei vazio.

15.

A porcelana branca abriga ruídos
que não chegam ao ouvido.
São lembranças que batem devagar,
como unhas tocando a porta errada.

O café escuro escuta tudo.
Recebe ecos que não lhe pertencem.
É arquivo involuntário de gestos
que não voltam para reivindicar nome.

Às vezes penso em mexê-lo,
quebrar o silêncio com metal,
mas temo revolver o que dorme
no território da borra.

Por isso fico imóvel.
Se o café guarda segredos meus,
que os mantenha sob a superfície,
onde nada precisa respirar.

16.

A janela deixa entrar vento frio.
Ele atravessa a cozinha devagar,
toca meu braço, toca a mesa,
mas não alcança o café.

O líquido permanece intocado,
como se tivesse escolhido resistir.
Há uma dignidade na recusa,
um modo próprio de ser inverno.

Eu, ao contrário, estremeço.
Sou mais vulnerável que a xícara,
mais aberto ao vento que ela.
E isso me constrange um pouco.

O café não teme as correntes:
já é correnteza encerrada.
Se alguém aqui sabe do tempo,
não sou eu — é ele.

17.

O pano que deveria limpar a mesa
descansa sobre o encosto da cadeira.
Ali, dobrado, parece inútil,
mas sabe mais do que aparenta.

Ele viu migalhas, quedas, manchas,
guardou histórias sem elegância.
Agora observa o café frio,
como quem reconhece um parente.

Há um parentesco entre resíduos.
Eles falam a língua do resto,
do quase, do que foi deixado
para depois e nunca voltou.

O pano espera meu gesto.
Eu, porém, não limpo nada.
Algumas cenas precisam permanecer
até que o tempo decida apagá-las.

18.

A luz da manhã tropeça no copo,
escorrega pela mesa engordurada,
chega tímida à borda da xícara
como quem não quer incomodar.

O café permanece intacto,
um eclipse particular, fechado.
A luz tenta irromper por dentro,
mas é recusada sem violência.

Há beleza no que não permite entrada,
no que guarda sua noite até o fim.
O café não absorve claridade:
apenas a devolve como sombra.

A manhã aceita essa recusa.
Eu também.
Talvez aprender com o café
seja a forma mais lenta de acordar.

19.

O toque da xícara na mesa
é quase imperceptível,
um peso leve, mas definitivo,
como assinatura de pedra.

Nenhum outro objeto carrega
essa precisão de permanência.
A colher desliza, o copo rola,
o guardanapo cede ao vento.

A xícara não.
Ela finca sua existência ali,
sem alarde, sem medo, sem pressa.
E o café, dentro, respira o mesmo.

Talvez eu precise aprender isso:
a firmeza de quem já perdeu calor
e ainda assim continua inteiro
no ponto exato em que repousa.

20.

A mesa guarda rastros antigos,
linhas que o tempo desenhou
como se buscasse um rosto
que nunca se revelou.

A xícara acrescenta mais um,
um círculo breve e escuro,
tão frágil quanto decisivo
para quem sabe ler silêncio.

O café dentro é memória líquida,
deriva de instantes imprecisos.
Não narra, não acusa, não pede:
apenas testemunha o que falhei.

Reúno tudo com o olhar:
anéis, migalhas, móveis, luz.
E entendo — sem entender —
que a erosão também é uma forma de cuidado.

21.

A xícara inclina um pouco,
quase imperceptível gesto,
como se o peso do frio
lhe pedisse uma nova forma.

Eu observo o desvio mínimo.
A porcelana tenta repousar
num ângulo que a própria mesa
não consegue sustentar.

Talvez o café, ao perder calor,
procure outro modo de existir.
Talvez a matéria, ao esfriar,
busque arestas que não tinha.

Inclino-me para acompanhar.
A mudança é íntima, lenta.
Algumas coisas só se revelam
quando desistem de ser quentes.

22.

Há poeira na borda do móvel,
luz presa em partículas breves.
O café frio se junta a elas,
parte desse lento inventário.

Não se trata de abandono,
mas de uma ordem subterrânea:
o tempo organiza o mundo
a partir do que esquecemos.

Cada grão fala um idioma seco,
sussurra que a casa respira
mesmo quando não percebo
o ritmo das suas costuras.

A xícara aceita esse coro.
Em seu círculo escuro,
tudo é sedimento possível,
tudo é instante que ficou.

23.

A mão paira sobre o café,
mas não o toca de verdade.
Entre pele e porcelana,
surge uma pausa que cresce.

O gesto suspenso respira,
ganha corpo, luz, intenção.
Mas não se concretiza.
É arquitetura do quase.

Talvez eu tema o retorno
do que não sei explicar.
Talvez a frieza me exija
uma coragem que ainda não tenho.

Ainda assim, deixo a mão ali,
sobre o vazio que separa
um corpo que poderia aquecer
de outro que escolheu não aquecer.

24.

Na parede, a claridade oscila,
como um pulso sem dono.
O café não acompanha o ritmo,
permanece fixo em seu eclipse.

A luz tenta arrancar respostas,
mas encontra apenas silêncio,
uma superfície que absorve tudo
sem refletir nada ao redor.

A oscilação não o convence.
O café segue sua noite interna,
uma noite que não precisa de céu
para permanecer inteira.

Fico entre a luz e o frio.
Nenhum dos dois me chama,
mas ambos me cercam como se
conhecessem melhor o meu lugar.

25.

O cheiro mudou de vez.
Já não lembra manhã,
nem o instante em que ferveu,
nem o vapor que me tocou.

É um aroma sem origem,
feito de restos e sombra,
como se o ar tivesse aprendido
uma nova forma de lembrar.

Aproximo a xícara do rosto.
O frio também cheira,
e esse cheiro é mais duro,
menos disposto a consolar.

Ainda assim, respiro fundo.
Algumas verdades só chegam
pela ausência do calor,
pelo corpo que decide calar.

26.

A borda do líquido endurece,
ganha uma película sutil.
É pele que o tempo inventa
para proteger o que resta.

Toco com a colher a superfície:
o mínimo tremor se espalha,
abre um círculo de memória
que se desfaz antes de fixar.

Não sei se essa pele dói,
se guarda algum aviso íntimo.
Sei apenas que ela fala
um idioma calado, preciso.

Retiro a colher devagar.
O silêncio cobre tudo.
Algumas superfícies preferem
não revelar o que contêm.

27.

O sol bate na quina do móvel
e cria um risco dourado no chão.
Nada disso toca o café,
que se fecha em seu próprio campo.

A xícara ignora o espetáculo.
Não tenta brilhar, não tenta ceder.
É testemunha de uma luz alheia,
que não pretende modificar ninguém.

Entre o dourado e o escuro,
formam-se dois mundos imóveis.
A cozinha respira entre eles,
sem escolher qual lhe convém.

Eu permaneço no intervalo,
onde nada realmente decide.
O frio reconhece esse lugar
melhor do que qualquer manhã.

28.

O silêncio da cozinha engrossa,
ganha densidade de parede.
Até o ar parece mais lento,
como se aguardasse permissão.

O café, porém, não participa:
torna-se o centro da quietude,
uma pedra líquida escura
que sustenta o peso do instante.

A cada segundo, o silêncio cresce,
cobre a mesa, cobre a borda,
cobre até a minha respiração,
que passa a ser quase emprestada.

A xícara não recua.
Ela conhece esse território.
Foi feita para guardar o que cala,
não o que insiste em vapor.

29.

Uma linha de luz contorna o pires,
cria um halo imperfeito, quebrado.
O café, dentro, não reage:
é noite antiga em miniatura.

Mas o halo me inquieta.
É marca de algo que chega,
mas não chega inteiro,
como voz que perde caminho.

A mesa acolhe esse desenho
sem tentar entender o motivo.
O pires o mantém estável,
como se isso bastasse ao dia.

O café permanece alheio.
E, talvez por isso, tão verdadeiro:
há instantes que só se explicam
quando nada ao redor responde.

30.

Chego ao fim da manhã.
Não do dia, mas da manhã.
Há diferença no modo como
a luz abandona a cozinha.

O café sabe disso antes de mim.
Recolhe a pequena claridade
que ainda tocava sua borda
e a transforma em sombra inteira.

A xícara, agora mais pesada,
parece aceitar sua função:
guardar o que o tempo escreve
antes que o tempo leia.

Fico diante dela um instante.
O gesto de beber já não existe.
Apenas olho o que sobrou
da manhã que não terminei.

[INTERLÚDIO I]

1.

A água repousa no fundo da pia,
um espelho irregular, trêmulo,
onde nenhum rosto se fixa,
mas muitos passam sem saber.

A luz se inclina sobre ela,
abre pequenas constelações,
desfaz o brilho em fragmentos
que não chegam à superfície inteira.

A água aceita esse defeito,
esse modo falho de iluminar.
Algumas claridades só existem
quando não se deixam tocar.

2.

Um fio de vapor atravessa o ar,
resto tardio de algo que ferveu.
Não vem do café — vem do corpo
anônimo que a casa inventa.

Ele sobe em linha incerta,
procura teto, força, sentido,
mas se dissolve antes do encontro,
como palavra que desiste do som.

Vejo o fio desaparecer.
Não por pressa, mas por destino.
Alguns vapores nascem prontos
para nunca chegar a lugar nenhum.

3.

A luz da manhã encosta no azulejo,
raspa sua pele branca e fria,
abre um traço que não aquece,
mas insiste em permanecer.

Esse traço corta a cozinha,
divide o espaço em dois silêncios,
um mais claro, outro mais íntimo,
ambos atentos ao que não ocorre.

A luz não interroga ninguém.
Só marca o chão e segue.
Às vezes, o dia nos visita assim:
por uma linha que não pede resposta.

[O RESGATE]

31.

Toco a xícara com dois dedos,
como quem tenta lembrar algo.
O frio se move para minha pele,
uma herança que não escolho.

Há um eco na superfície,
não som, mas lembrança densa,
como se outra manhã existisse
atrás desta que observo agora.

(Um nome? Não sei.)
A memória sopra sem forma,
pede passagem sem linguagem,
abre um sulco no meu peito.

Retiro a mão devagar.
O frio permanece comigo,
como se eu fosse, por um instante,
parte do próprio objeto.

32.

O cheiro levanta devagar,
um resto de manhã esquecida.
É aroma de dias remotos,
misturado ao pó do presente.

Sinto uma rua que não piso mais,
uma voz que não lembro inteira.
Tudo vem em golpes de ar,
sem ordem, sem convocação.

(Ainda é meu esse cheiro?)
Pergunta breve, quase falha.
O café responde com silêncio,
e o silêncio devolve tudo.

Apoio o rosto sobre a mão,
deixo o aroma terminar seu turno.
Nenhuma memória se completa,
mas todas respiram ao redor.

33.

A borra no fundo da xícara
desenha um continente instável.
Ilhas surgem, ilhas afundam,
como mapas que recusam destino.

Aproximo o rosto da borda.
Lá dentro, uma noite pequena
esconde imagens que não chegam
ao dia que tenho diante.

O que vejo é fragmento,
sombra de algo que fui.
(Será que fui mesmo?)
Pergunta que se afoga rápido.

A borra não confirma nada.
Prefere manter o enigma
como quem protege o pouco
que resta de um antigo litoral.

34.

A memória toca o peito
como vento tocando cortina:
abre, fecha, dobra, some,
sem nunca entrar de verdade.

O café frio observa esse rito,
aceita meu corpo em falhas.
Não exige precisão de lembrança,
apenas se oferece como entrada.

Há um calor antigo na mente,
tão distante que dói levemente.
Talvez tenha sido um riso,
um rosto encostado ao meu.

(Não garanto nada.)
Só sei que o frio me devolve
um reflexo que não é espelho,
mas víscera que tenta falar.

35.

Encosto a xícara no queixo.
O frio sobe em linha fina,
escreve no rosto um bilhete
que só o corpo sabe ler.

A pele lembra antes da mente.
Recorda um toque esquecido,
uma tarde de silêncio cúmplice,
um gesto que não voltou.

Por um instante, tudo pulsa.
Depois se retrai, quieto,
como animal que teme a luz
e escolhe habitar o escuro.

(Aquilo ainda é meu?)
Não sei.
Mas o rosto reconhece
o que o coração já perdeu.

36.

A colher afunda na borra
como lâmina na memória.
Não corta, mas desloca,
levanta imagens sem forma.

Um vulto, talvez meu rosto,
de um tempo que não guardo.
Um cheiro de chuva antiga,
talvez um nome quase dito.

A superfície se agita leve,
abre círculos discretos,
como se chamasse por algo
que não ousa pronunciar.

Recolho a colher depressa.
Há coisas que preferem
continuar dormindo na borra,
longe do alcance das palavras.

37.

Respiro sobre o café.
A superfície não reage.
Mas algo no ar devolve,
como eco de pulmão antigo.

O cheiro sobe de novo,
mais denso, mais terreno,
misturado a uma nota amarga
que reconheço sem razão.

(Há alguém aqui comigo?)
Pergunta que me atravessa,
não por medo, mas por hábito
de buscar calor no vazio.

A respiração volta a mim.
O café permanece intacto.
Talvez eu seja o único
que tenta renascer do frio.

38.

A cadeira à minha frente
parece ocupar-se de mim.
Sua madeira guarda ecos,
sons que o tempo não devolveu.

Sento-me mais perto dela.
O corpo reconhece o gesto,
como se alguém tivesse estado
nesse lugar antes de mim.

Não lembro quem seria.
(Digo isso sem tristeza.)
Há presenças que voltam
só para lembrar que existiram.

O café observa a cena,
em sua noite breve e densa.
Ele conhece melhor que eu
quem já partilhou este assento.

39.

Um fio de luz pousa na borda,
clareia meio círculo de dia.
No outro lado, a sombra insiste
em proteger um resto de mim.

É estranho reconhecer metade,
como se a alma tivesse polaridade.
Uma parte quer levantar-se,
a outra afunda na porcelana.

Toco a linha entre luz e sombra.
O frio atravessa minha pele,
desenhando um mapa secreto
que não ousa traduzir.

(Estou dividido?)

Talvez.

O café, porém, permanece inteiro,
mesmo carregando duas manhãs.

40.

Inclino a xícara devagar.
A borra desliza como memória
que procura saída no escuro
sem pedir permissão ao corpo.

O movimento é breve, frágil,
mas abre um sulco no instante,
como se o café respirasse
pela primeira vez depois do frio.

Dentro dele vejo lampejos:
um ombro contra o meu,
uma janela aberta ao vento,
um calor que não esqueci.

(Não sei se foi verdade.)
Mas o gesto me devolve
mais do que eu pedi ao dia:
uma lembrança que quase arde.

41.

A xícara pesa mais agora,
como se guardasse um nome.
Não o diz, não o entrega,
mas o mantém sob a superfície.

Quando aproximo o rosto,
sinto um sopro que não é meu,
um calor antigo, insistente,
que não combina com o frio.

(Alguém esteve aqui?)
A pergunta nasce torta,
como quem teme acertar.
O café se retrai no escuro.

O peso continua.
E, embora não haja resposta,
sei que alguma presença
ainda orbita este gesto.

42.

A luz balança no teto,
como um anúncio tardio.
A oscilação corta o instante
em duas metades desiguais.

A sombra cresce na mesa,
puxa o café para seu lado.
A claridade tenta impedir,
mas chega sempre um segundo tarde.

Há uma disputa silenciosa,
uma batalha que não entendo.
(O que querem de mim?)
Pergunta que não ousa mexer.

O café permanece neutro,
mas algo dentro dele vibra,
como se aguardasse o momento
de revelar o que sustenta.

43.

Um rangido leve atravessa o chão,
madeira reclamando memória.
Olho ao redor sem intenção,
mas a sala mantém seu rosto.

Ainda assim, algo mudou.
A cadeira parece deslocada,
um palmo além do esperado,
como se alguém tivesse levantado.

(Não fui eu.)
E a certeza me atravessa
com a mesma violência quieta
que o frio atravessa a pele.

A xícara observa em silêncio.
Talvez saiba mais do movimento
do que estou disposto a admitir
neste pedaço de manhã.

44.

Um cheiro de roupa úmida
vem de algum canto da casa.
Traz consigo um inverno antigo,
um resíduo que não me pertence.

O café absorve esse sinal,
mistura-o ao seu próprio corpo,
cria uma temperatura estranha,
nem quente, nem fria, suspensa.

É nessa suspensão que surge
o primeiro desconforto inteiro.
(O que exatamente retorna?)
Pergunta que permaneço evitando.

O aroma não recua.
Instala-se como visita muda,
colocando sobre a xícara
um peso que não sei nomear.

45.

A borra se adensa no fundo,
ganha forma de quase-rostos.
Não é figura exata,
mas sugestão de uma presença.

Aproximo o olhar e hesito.
O rosto se desfaz na sombra,
mas algo dele persiste,
como respiração clandestina.

Não sei se é memória minha
ou lembrança de outra pessoa
que se infiltrou neste café
sem pedir permissão ao dia.

(Estou invadido?)
A dúvida me fere leve.
E o café, imóvel, parece
guardar a resposta que temo.

46.

A colher cai no pires,
som curto, mas profundo.
O impacto abre um segundo,
um corte na manhã calma.

Olho para o metal trêmulo.
Ele não denuncia tremor meu,
mas algo vibrou no ar
como se tocassem outra pele.

Esse segundo permanece aberto,
como porta entre dois silêncios.
(Não deveria permanecer?)
Pergunta que nasce sem dono.

Recolho a colher com cuidado.
Mas o corte já se espalhou,
cravando no instante um aviso
que só compreenderei depois.

47.

O café se move milímetros,
quase sem que a xícara note.
É ondulação mínima, precisa,
mas suficiente para inquietar.

A mão busca o cabo da asa,
mas desiste antes do toque.
Há algo vivo demais ali,
algo que não sei acompanhar.

(E se eu quebrar o que resta?)
Pergunta que prende o gesto,
torna meu corpo cúmplice
do próprio atraso.

A superfície se acalma,
mas minha hesitação cresce.
Alguns tremores começam
muito antes de se ver.

48.

Um sussurro atravessa a cozinha,
não vento, não voz — intervalo.
É espaço de algo que chega
sem intenção de declarar-se.

O café não reage, mas absorve,
torna mais denso o silêncio,
como se preparasse terreno
para uma revelação tardia.

Minha pele escuta atenta.
Não ouço som; ouço ausência,
ouço aquilo que falta vir
e, no entanto, já pesa.

(Por que agora?)
A pergunta fica suspensa
entre o que poderia acontecer
e o que não devo provocar.

49.

A luz da tarde entra torta,
pousa oblíqua sobre a mesa.
Ela divide o café em dois mundos:
um que recordo, outro que evito.

Os dois se tocam na borda,
mas não se unem por completo.
Há um intervalo frio no centro,
uma falha que respira devagar.

(Por que essa divisão?)
A pergunta me acompanha
como sombra que perdeu dono
e tenta reencontrar pé.

A tarde não oferece resposta.
Só confirma o que já sei:
o café carrega duas histórias,
e só uma delas me pertence.

50.

O silêncio pesa mais que antes,
não pelo volume, mas pelo tom.
É silêncio que pede espaço,
como corpo que quer nascer.

A xícara parece notar,
inclina-se em quase-gesto,
como se oferecesse abrigo
a algo que ainda não chegou.

Sinto um aperto interno,
não dor, mas prenúncio.
(O que está prestes a surgir?)
Pergunta que atravessa o peito.

E o café, firme em sua noite,
não recua, não aquece, não fala.
Apenas sustenta a tensão
que o próximo ciclo resolverá.

51.

Toco a borda da xícara e recuo.
Há um calor que não pertence a ela,
mas também não pertence a mim.

O frio continua estável,
mas algo sob a porcelana pulsa,
como se respirasse sem corpo.

(O que insiste em permanecer?)
Pergunta que se arma na garganta,
mas não encontro língua para dizer.

A manhã se dobra no silêncio.
A xícara segura a resposta,
e o café, imóvel, a protege.

52.

A borra forma um semicírculo,
língua de sombra no fundo.
É quase escrita, quase sentença,
mas não se deixa decifrar.

Inclino a xícara. O desenho treme,
abre uma fenda inesperada,
como se revelasse um segredo
que não deseja escapar.

(Fui eu quem deixou isso?)
A dúvida arde por segundos,
depois se apaga na superfície.

A borra retorna ao seu lugar,
como se guardasse o enigma
até que eu esteja pronto.

53.

Há um pulsar leve no ar,
um ritmo que não é meu.
O café o absorve devagar,
como quem entende o idioma.

O pulsar cresce em silêncio,
desenha fios dentro da cozinha,
liga a cadeira vazia ao pires,
liga a memória ao instante.

Não sei o que ele pede.
(Talvez pedido nenhum.)
Mas sinto que sua presença
é mais real que minha voz.

A xícara repousa atenta.
Parece ouvir comigo.

54.

A luz reflete no fundo escuro,
traço fino de prata quebrada.
Esse reflexo não ilumina nada,
mas aponta para um lugar preciso.

É ali, no centro do líquido,
que algo tenta retornar.
Uma lembrança, talvez,
com cheiro de tarde tardia.

Quando aproximo o rosto,
o traço se fragmenta, foge,
como se temesse a decifração.

(Não me quer ali.)
Percebo isso sem dor.
Alguns reflexos preferem
ser apenas prenúncios.

55.

O silêncio muda de cor.
Torna-se mais denso,
quase mineral, quase corpo.

O café acompanha a mudança,
escurece um tom além,
como se recebesse o peso
de algo prestes a acontecer.

Minha respiração falha.
Não por medo — por aviso.
(Estou perto demais?)

A xícara não responde.
Mas o silêncio inteira-se,
e essa inteireza pressiona o peito,
exigindo que eu escute o que vem.

56.

A janela vibra com vento fraco.
O vidro repete o movimento,
como se respirasse comigo.

Dentro, o café não se move.
É o centro imóvel do ambiente,
onde nada do vento toca.

Esse contraste incomoda.
É como ver duas durações
tentando coexistir no mesmo espaço.

(Quem de nós está no tempo certo?)
Pergunta que não arrisco medir.

O vento insiste.
O café resiste.
E eu fico entre ambos, dividido.

57.

A cadeira range sem peso algum,
como se alguém tivesse sentado
um instante antes de eu chegar.

Olho o encosto, olho o assento.
Nada mudou — e tudo mudou.
O café conhece esse som.

A superfície estremece leve,
não de calor, mas de memória,
como se recordasse passos antigos.

(Quem caminhou por aqui?)
Pergunta que evito responder,
não por medo, mas por fidelidade
ao silêncio que a casa escolheu.

58.

A luz da tarde se recolhe,
cede espaço à penumbra.
O café a acolhe sem resistência,
como quem aceita o fim de um rito.

A penumbra revela outra camada,
mostra o que a claridade escondia:
uma borda mais escura, mais funda,
um tempo preso ao fundo da xícara.

Sinto esse tempo me olhar.
É olhar antigo, sem rosto,
um olhar que me reconhece antes.

(Voltei tarde demais?)
A pergunta ecoa fria.
O café não julga,
mas guarda a verdade.

59.

A mão finalmente encosta a asa.
Não levanto a xícara — ainda não.
Mas o toque cria uma tensão
que percorre o braço inteiro.

O frio se espalha pela pele,
recorda gestos não concluídos,
momentos interrompidos no meio
por razões que não sei mais dizer.

O corpo responde lento,
como quem desperta de sonho
que preferia continuar dormindo.

(O que acontece se eu beber?)
A pergunta fere suave.
O gesto quase nasce,
e quase é demais.

60.

Inclino a xícara alguns graus.
O movimento é contido,
mas o suficiente para revelar
o que o fundo guardava.

A borra se rearruma,
desenha forma orgânica,
um traço que se assemelha
a uma rota interrompida.

Meu peito reconhece o desenho.
Não a imagem — o corte.
É ali que a memória dói,
não pelo que lembra,
mas pelo que não concluiu.

(Ainda posso voltar?)
A pergunta nasce quente,
e esse calor, tão breve,
anuncia que o instante virá.

[INTERLÚDIO II]

1.

A sombra passa pela parede,
mas não pertence ao meu corpo.
Vem de um ângulo impossível,
como se dobrasse o próprio ar.

Ela cresce sem intenção,
alonga-se para além da cozinha,
projeta um medo sem nome
no chão que não a reconhece.

(Algo entrou comigo?)
A pergunta não encontra eco,
mas a sombra responde
permanecendo onde estou.

Não se move comigo,
não imita o meu gesto:
apenas respira adiante,
como se soubesse o fim.

2.

O ruído vem do corredor,
um estalo mínimo de madeira.
Mas chega com atraso,
fora do tempo da sala.

Não é aviso nem ameaça,
é apenas deslocamento,
um som que se perdeu
antes de encontrar destino.

O ar retém sua vibração,
memória do que não tocou.
(Alguma coisa passou?)
A dúvida encosta no peito.

O corredor permanece vazio.
O ruído, porém, insiste,
como se procurasse alguém
que ainda não chegou.

3.

A luz entra pela janela
em cortes irregulares, bruscos.
Não é manhã nem tarde:
é uma hora deslocada de si.

Ela toca a mesa de lado,
rasga o chão em duas faixas,
mas não encontra objeto
que corresponda ao desenho.

(De onde vem essa claridade?)
Meu olhar tenta segui-la,
mas a luz se adianta, leve,
como se guiasse meu gesto.

Fico parado.
A sala muda de pele.
A luz abre um caminho
que ainda não me alcançou.

[O INSTANTE SUSPENSO]

61.

A xícara repousa na mão,
mas a mão não decide o gesto.
O frio sobe pelo punho,
desenha veias de hesitação.

O corpo quer avançar,
mas algo puxa devagar
como se dissesse: ainda não,
ainda há sombra por ver.

(A verdade dói menos agora.)
Penso isso sem pensar.
O café permanece imóvel,
mas carrega a última pergunta.

No centro do líquido escuro
vejo o dia se dividir:
o que eu sou e o que fui
não coincidem mais.

62.

Aproximo a xícara do rosto.
O ar entre nós se comprime,
ganha densidade de aviso,
um quase-toque no silêncio.

O café exala memória fria,
resto de calor que já partiu.
Ainda assim, algo vibra,
como se a manhã respirasse.

(Estou pronto para ver?)
O pensamento sobe lento,
mas não encontra certeza.

A borda toca meu lábio.
Não bebo. Apenas sinto
a forma exata do instante.

63.

O gesto cresce por dentro,
não na mão, mas no peito.
É ali que a decisão pulsa,
abrindo espaço para o agora.

A xícara encosta na boca,
o cheiro invade sem pressa,
mistura passado e presente
numa frase sem sintaxe.

(Tudo cabe neste segundo.)
E o segundo se alonga tanto
que o corpo quase se perde.

O café não reage, espera.
Ele sabe mais do instante
do que qualquer relógio.

64.

A respiração embacia a borda,
cria um véu leve, efêmero,
desenha um suspiro visível
que se desfaz sem protesto.

No centro do vidro translúcido,
vejo meu rosto dividido,
metade sombra, metade luz,
nenhuma definida por inteiro.

(Quem sou ao tocar o frio?)
A pergunta retorna fina,
aberta como ferida antiga.

A névoa desaparece rápido.
Mas leva consigo a dúvida,
apenas para devolvê-la depois.

65.

A mão treme um pouco menos.
Não por coragem, mas cansaço.
Há decisões que se tomam
quando a alma já desistiu de fugir.

O café acompanha o tremor,
abre leves círculos na borda,
como se respondesse ao sangue
que também começa a ceder.

(Se eu beber, o que muda?)
A questão se enraíza baixa,
como planta que cresce no escuro.

A xícara pesa menos agora.
Ou talvez eu pese mais
ao aceitar minha parte no frio.

66.

A luz toca meu ombro e recua,
como se pedisse licença.
Não ilumina o café diretamente,
mas desenha o contorno do gesto.

A cena inteira se suspende:
nem avanço, nem retorno,
apenas um equilíbrio tenso
entre o que fui e o que serei.

(É isto o instante?)
Talvez.
Uma pausa com respiração própria,
capaz de guardar o tempo.

O café espera quieto.
E, pela primeira vez,
eu o acompanho em silêncio.

67.

Inclino a xícara alguns graus.
O café se move lento, preciso,
abrindo uma curva escura
que parece reconhecer meu nome.

A curva sobe pela borda,
para antes do transbordo,
como se medisse meus limites
sem me expor à queda.

(Estou sendo lido?)
A pergunta vibra funda,
não como medo — como rito.

O líquido retorna ao centro.
Como se dissesse:
ainda há tempo para ver.

68.

O aroma muda de novo.
Já não é memória quebrada,
nem resíduo de manhã antiga.
É cheiro do agora — puro, firme.

A novidade me espanta.
Como pode o frio cheirar assim,
como coisa recém-nascida,
sem marcas de abandono?

(Será que mudei eu?)
O café não responde,
mas o ar ao redor se ajusta
à respiração que me atravessa.

Percebo: o instante está vivo.
E, pela primeira vez,
eu também estou.

69.

A boca toca a borda.
O frio encosta no lábio,
mas já não machuca:
é contato, não ferida.

O mundo parece recolher-se,
abrir clareira em torno do gesto,
deixar que o corpo decida
sem interferência de tempo.

(Agora, talvez.)
A palavra nasce inteira,
sem tremor, sem fuga.

Não bebo ainda,
mas o gesto já pertence a mim.
E isso basta para mudar o dia.

70.

Ergo a xícara um pouco mais.
A sombra no fundo se aclara,
como se recuasse para dar espaço
ao que finalmente compreendo.

A mão firma o gesto,
o braço encontra eixo,
e o silêncio que antes pesava
agora apenas acompanha.

(Eu vejo.)
É tudo o que consigo dizer —
não em voz alta, mas por dentro,
onde as coisas duram mais.

O café continua frio.
Mas eu deixei de estar.

71.

A xícara toca meu queixo,
leve como um pedido.
O frio percorre a pele,
mas não se impõe como antes.

A temperatura já não pesa;
é companhia, não ruptura.
A manhã, lá fora, empalidece,
mas aqui dentro se acende.

(O que falta para o gesto?)
Pergunta que não dói,
pergunta que não fere.

Aproximo mais um pouco.
A xícara entende:
há algo prestes a nascer.

72.

O café reflete um brilho novo,
não luz — mas consciência.
Um clarão interno, discreto,
que não existia no ciclo passado.

A superfície parece calma,
mas guarda um centro vivo,
um núcleo que me observa
através do escuro fixo.

(Sou visto?)
A pergunta me alcança,
mais como revelação
do que como dúvida.

O reflexo se organiza devagar,
como se quisesse ensinar
a forma do instante.

73.

Respiro fundo.

A xícara responde com neblina,
um sopro fino de vida
que se ergue para me tocar.

A névoa dança na borda,
não se desfaz tão rápido
quanto antes se desfazia.
Permaneçe alguns segundos.

(Ainda posso falhar?)
Penso, mas não recuo.
A mão se firma, centrada,
como se me guiasse por dentro.

O instante me escolhe.
Eu aceito a escolha.

74.

A cadeira atrás de mim range.

Não me assusto.

Desta vez o som parece aviso,
não ameaça.

O corpo não vira o rosto;

permanece inteiro no gesto.

A xícara ganha um novo peso,
não físico — mas simbólico.

(Alguém me acompanha?)

Não há resposta.

Mas sinto a presença
sem necessidade de nome.

A tensão se curva em arco,
pronta para o disparo.

75.

A luz muda de direção,
entra pela janela esquerda,
desenha trilhas no chão
que convergem para meu braço.

Sigo o desenho com os olhos.
Não encontro início nem fim,
só linhas que me chamam
para diante do próprio instante.

(A luz sabe.)
Não é metáfora — é fato.
Ela organiza a cozinha
para que eu não desvie.

O café recebe o brilho
sem deixar de ser noite.

76.

A mão começa a erguer.
O braço acompanha firme.
O gesto, que antes falhava,
agora encontra sua trilha.

O café treme leve na borda,
mas não ameaça cair.
É tremor de vida, não de medo,
tremor que anuncia chegada.

(Eu também tremo.)
Não de receio, mas de início,
como quem abre passagem
para algo maior que si.

A xícara se aproxima do rosto.
É agora que o instante cresce.

77.

Vejo meu olho refletido
na superfície imóvel.
Não é o mesmo olho de antes:
há clareza na escuridão.

O reflexo me concede
uma versão mais precisa,
como se o café devolvesse
o que perdi ao longo do dia.

(Estou voltando a mim?)
A pergunta soa sincera,
não por insegurança,
mas por reconhecimento.

O café e eu — duas noites
aprendendo a se olhar.

78.

A boca toca a borda,
dessa vez sem hesitação.
O frio não invade — conversa.
É diálogo, não embate.

O corpo inteiro escuta,
como se cada célula
souvresse interpretar
a língua silenciosa do café.

(Não é sobre beber.)
Percebo isso no exato momento
em que a borda repousa
entre o lábio e o dia.

É sobre entender a pausa
antes que ela se acabe.

79.

O café se inclina na xícara,
esperando o último gesto.
Não pressiona, não exige,
apenas acompanha o corpo.

A mão decide o ângulo,
o peito decide a coragem,
o tempo decide o brilho
que cobre o instante.

(Eu aceito.)
A palavra nasce inteira,
sem esconder o peso
que carrega desde antes.

Inclino-me um pouco mais.
O café se oferece ao agora.

80.

No ponto exato da decisão,
o mundo faz silêncio.
Não o silêncio pesado do ciclo II,
mas o silêncio vertical,
aquele que abre caminho.

A xícara pausa no meu lábio
como se sempre tivesse sido ali.
O frio se torna gesto,
torna-se incorporação.

(Posso.)
A palavra surge sem ruído,
mas enche o ar como fogo.

E o instante se sustenta inteiro,
à espera do que virá.

81.

A xícara encosta na boca,
e o mundo inclina-se junto.
Nada se precipita;
o instante caminha por si.

O café toca meu lábio
como se reconhecesse morada,
não pelo calor, mas pela forma
que o frio aprendeu do corpo.

(É aqui.)
Percebo antes de beber.
O gesto é mais verdade
que qualquer sabor possível.

A manhã cabe inteira
neste encontro sem velocidade.

82.

O café se move pouco,
mas o suficiente para dizer
que o tempo também participa
deste breve acontecimento.

O gesto não termina,
não se fecha nem se desfaz;
é um círculo lento, firme,
entre a mão e a respiração.

(Estou dentro do instante.)
O pensamento surge claro,
sem memória ou promessa,
apenas presença.

O frio não pesa mais:
acompanha.

83.

Fecho os olhos.

Não por emoção — por precisão.

A escuridão interna

combina com o café que espero.

O corpo se organiza,

os ombros cedem um pouco,

e o ar ao redor entende

que não é hora de movimento.

(Assim.)

A palavra brota calma,

como se a boca aprendesse

o idioma do silêncio.

Abro os olhos devagar.

A cozinha está em paz.

84.

Levo o café até o limite,
a linha exata onde o gesto
poderia tornar-se gole.

Mas não há pressa.
O instante pede respeito,
não conclusão.

O líquido treme no fundo,
e esse tremor me diz
que a vida também é isso:
o quase que já basta.

(Se beber, ou não beber —
importa menos que o ato
de sustentar o instante.)

E sustento.

85.

A respiração passa pelo café
como vento sobre pedra.
Não altera forma nenhuma,
mas revela o que está pronto.

O frio se molda ao lábio,
desenha dois caminhos:
um para dentro, outro para fora.

Ambos possíveis.
Ambos verdadeiros.

(Escolha?)
A pergunta já não importa.
O gesto está inteiro,
e isso basta para o dia.

A xícara repousa firme
no centro da mão.

86.

O silêncio se adensa ao redor,
mas não oprime — acolhe.
É silêncio que sabe do corpo,
que entende o que se aproxima.

Minha mão sustenta o peso,
não físico, mas temporal.
O café carrega seu próprio destino,
e eu apenas acompanho.

(Agora vejo o tempo.)
E ver é mais fundo que agir.

Inclino o pulso um grau,
não para concluir,
mas para honrar o instante.

87.

O frio toca minha língua.
É toque breve, quase símbolo,
como se o café quisesse dizer
o que não coube na manhã.

Não bebo o suficiente
para alterar o corpo.
Só o bastante
para que o instante me reconheça.

(Sou isto.)
A frase ecoa dentro,
não como revelação,
mas como assentamento.

O gesto se cumpre
na medida exata.

88.

Recolho a xícara devagar.
Não por recuo,
mas por aprendizagem.

O café permanece o mesmo,
e essa permanência me inclui.
Já não somos dois —
somos o intervalo partilhado.

A mão descansa no colo,
não vazia, mas inteira.

(Entendi.)
A palavra paira
como brasa fria na boca,
quente no pensamento.

O instante não desaparece.
Ele se aloja.

89.

Coloco a xícara sobre a mesa.
O som é seco, pequeno,
mas atravessa tudo.

A marca no pires acende,
como cicatriz que sorri,
lembrando que a erosão
também é forma de cuidado.

(O tempo fez seu trabalho.)
E eu fiz o meu:
ficar, olhar, sentir.

A cozinha respira comigo.
Nada mudou —
e tudo mudou.

90.

A mão repousa aberta,
livre do peso da decisão.
O café, quieto, celebra
sua própria natureza.

A xícara não pede retorno.
O gesto não pede revisão.
O momento se fecha
sem fechar nada em mim.

(Estou dentro do meu tempo.)
É a única conclusão possível,
e não exige palavra.

A luz toca a borda.
O frio permanece honesto.
E eu permaneço inteiro.

Epílogo

O café continua frio, mas agora a frieza não me fere — ela me contém.

A xícara repousa onde a deixei, e há uma dignidade estranha na imobilidade dos objetos. Eles não exigem que eu os repare; não pedem que eu recupere o que foi perdido. Apenas permanecem, como se soubessem que o tempo não faz concessões, mas oferece uma espécie de clareza áspera.

A cada manhã, eu tento retomar algum gesto abandonado. Hoje, não. Hoje permito que o gesto permaneça suspenso. Aproximo a xícara, mas não para beber: apenas para sentir a temperatura que persiste em não mudar. Há algo de meu nessa persistência, algo que reconheço sem comemorar.

O café, tal como está, é verdade suficiente. A frieza me alcança, mas já não chega como aviso: chega como companhia. Não me apressa. Não acusa o lapso. Só diz, em silêncio, que o tempo terminou o que tinha a fazer. E, ao aceitar isso, algo se desloca: não um entendimento, mas um assentamento. Como se eu finalmente pudesse encostar o corpo nesse instante sem tentar corrigir nada.

O café continua frio.

E, por estranho que pareça,
é a primeira vez que estou inteiro
dentro dessa frieza.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *"O Legado"*, *"Cartas para Ninguém"*, *"Cinza de Bronze"* e *"O Livro dos Restos"*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris. As linhas guardam algo dessa história: um silêncio antigo que repousa bem ao lado do gesto contemporâneo, como o calor que abandona uma xícara e deixa, no que sobra, a marca do tempo.

A edição digital foi finalizada em fevereiro de 2026, pela *Ars Verbi™*, em Lapa, Paraná.

Nenhuma pressa regeu seu acabamento: apenas a certeza de que cada página precisa de um instante próprio — o bastante para que a frieza, quando chega, encontre forma.

